

Os Puri

Os índios *Puris* viviam originalmente no Litoral do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Hábeis pescadores, tiveram que se adaptar às regiões serranas a partir de 1500 em consequência da chegada dos portugueses, e a consequente escravização, se viram forçados a se acuar pelo interior do Brasil. E só conseguiram sobreviver devido à sua imersão em matas e serras de difícil acesso.

Os Puris ficaram distribuídos em grupos desde o Rio Paraíba fluminense e paulista, penetrando na parte oriental de Minas Gerais, até o Espírito Santo.

Os grupos Puris eram compostos por um chefe, por um pajé e homens e mulheres com funções distintas. O chefe era eleito pela astúcia, braveza e habilidades de guerreiro e não tinha poder efetivo sobre seu povo: Ao pajé se destinavam as tarefas religiosas e rituais de cura; aos homens cabiam a fabricação de armas, a caça e a guerra; as mulheres cuidavam da colheita, de recolher as caças abatidas e cuidar das vasilhas e demais utensílios usados na tribo. Eram polígamos. A sociedade indígena desta espécie não exercia a agricultura nem a navegação, retiravam da natureza seus meios de subsistência. Por isso, viviam em habitações provisórias como nômades. Até ao final do século XIX, conseguiram manter parte de sua cultura e costumes, alguns destes ainda preservados por descendentes dos indígenas.

A história sempre tratou como extinta a cultura e o povo Puri. recentemente, pesquisadores, historiadores e descendentes buscam identificar grupos e pessoas que resistiram e guardaram de alguma forma a língua, a história, os costumes e outros saberes, além de marcarem presença no folclore e no imaginário religioso, como a *Dança de Caboclo*, era praticada pelos próprios índios *Puris*, com o passar do tempo e devido a uma forte perseguição à sua cultura, principalmente as de maior expressão, como as danças e outros rituais religiosos, foram sendo deixadas pelos seus últimos remanescentes, inibidos, e

em alguns casos proibidos de cultuar e praticar seus costumes. Hoje, o folguedo é praticado, em memória aos *Puris*, por descendentes e remanescentes .

Os *Puris* foram descritos como calmos e receptivos por alguns e valentes e armados, por outros, de fato, podemos perceber que o homem branco facilmente os combateu. Os brancos adentraram a mata fechada, favorecendo embates entre os exploradores e os índios. Com a exploração das terras, o índio também foi empregado. Sabe-se que leis tratavam de impor que não fossem exterminados, mas como em toda história brasileira e, nesta região não seria diferente... Mas os *Puris*, como tantos outros povos, resistiram, alguns com mais sucesso que os outros. Ou seja: “índio bravo”, guerreiro, que não deixava se submeter e que atrapalhava a colonização e os “índios mansos”, aqueles que tinham atitudes amigáveis, em certa medida, o índio negociador, comportamento explicado pela própria necessidade da manutenção de sua sobrevivência, que no século XIX, seriam feitas com líderes locais, presidentes de provinciais e a coroa do novíssimo Império Brasileiro. Mas, bravo ou manso, exótico ou selvagem, esse índio era algo que atrapalhava a tal macha colonizadora, e o seu extermínio ou a sua assimilação, isto é, o seu completo desaparecimento, era algo inevitável, para muitos, e a saída para o crescimento do Império Brasileiro e suas províncias.

Os Índios *Puris* eram de etnia bem diferente dos outros ameríndios que ocuparam a região litorânea da Província, não só no aspecto físico, mas também cultural, já que, sobretudo, falavam um dialeto do tronco lingüístico de origem macro-gê. Eles ocuparam nos setecentos uma extensa área da região do Vale do Paraíba, na Região de Campo Alegre da Paraíba Nova, a atual cidade de Resende.

Os Puris no Vale do Paraíba

A região conhecida como Campo Alegre no século no final do século XVIII era uma extensa área que ia da divisa da província de São Paulo onde hoje seria a cidade de Três Rios na confluência dos rios Paraibuna, Paraíba do Sul e Rio Preto. Do Litoral em direção aos Sertões seriam seus limites segundo as fontes, a Serra do Mar e os limites da bacia do Rio Preto fronteira natural com a antiga Província das Minas Gerais, perfazendo a região que cobria todo o Sul do Vale do Paraíba Fluminense. Nesse período essa área ainda não estava totalmente ocupada pelas frentes coloniais, podendo ser caracterizada como uma fronteira aberta, ainda considerada “alto sertão”, ou como “sertão dos Índios bravos.

Essa região dos Sertões era uma extensa área que, ainda no final do século XVIII, representava parte expressiva do território da antiga Capitânia do Rio de Janeiro. Essa área era caracterizada como um espaço de solidão, deserto ou sertão. Também era visitada por bandeirantes que a utilizavam como rota para as áreas produtoras de ouro nas Minas Gerais. Sempre ocorreu uma grande preocupação com a questão do contrabando de ouro no Brasil, a criação das casas de fundição e dos registros de ouro são fatos que comprovam esse cuidado.

Em um relatório ao Conde de Resende, o Capitão Henrique José de Carvalho Queiros relata uma suposta descoberta de ouro na região. No próprio relatório ele afirma o indício de ouro ainda no reinado do Vice-Rei Conde do Cunha (1763 a 1767)⁹, e de vestígios de lavras antes da formação de povoados na região. Este seria um dos fatores que poderia explicar as primeiras levas de povoadores e o aumento populacional na região, justificando sua elevação à Freguesia de N. S. da Conceição do Campo Alegre, pelo Alvará de 02 de janeiro de 1757¹⁰, hoje Município de Resende. Concentração populacional que poderia ter ocorrido diante de uma ocupação de colonos atraídos pelo ouro e pelo comércio para abastecer os tropeiros e exploradores que passavam por Campo Alegre, além da necessidade de produção agrícola para atender a demanda de

consumo das regiões produtoras de ouro das Minas Gerais. Esse processo de ocupação manteve-se até a metade dos oitocentos, o que levava ao aumento dos atritos com os silvícolas da região e que podemos considerar como um fator para a fundação do aldeamento de São Luis Beltrão nessa localização na capitania do Rio de Janeiro, assim como a proximidade com o Caminho Real, ou o Caminho velho do ouro.

Os Puris sofrem a ação colonizadora na região por volta do século XVIII, com a expansão das fronteiras agrícolas do império Luso-brasileiro, ocasionando diversos conflitos na Região entre índios e Colonos, que como consequência a fundação do aldeamento de São Luis Beltrão, no qual esses índios foram reduzidos. No entanto, no meados do século XIX, essa etnia foi considerada extinta, desaparecendo dos documentos oficiais.

A região que no século XIX, passou a sofrer de forma cada vez mais acentuada e sistemática do avanço das fronteiras agrícolas, levando a diminuição de sua área com a formação de outras freguesias, diminuição que não reduziu sua importância econômica e política, fato comprovado com a formação do município de Resende no antigo arraial e freguesia de Campo Alegre.

O aumento populacional na região gerou também conflitos entre as diferentes etnias e também com os colonos. Os Puris foram obrigados a deixarem os sertões da Mantiqueira e deslocam-se até se estabelecerem na margem setentrional do Paraíba, a cinco léguas do Campo Alegre em um sítio chamado Minhocal, nas margens do Ribeirão São Luis, afluente do Rio Preto, onde por volta de 1780, começaram os ataques às fazendas. E com tantos conflitos com o cada vez mais foram empurrados em direção aos sertões, ficando de forma oficial reduzido ao Aldeamento de São Luis Beltrão na fronteira com a província das Minas Gerais.

Referência

DE OLIVEIRA, Ênio Sebastião Cardoso. Os Índios dos Sertões: Os Puris de Campo Alegre na visão dos Memorialistas do Século XVIII e XIX. XXVIII Simpósio Nacional de História. 2015. Florianópolis -SC

DE OLIVEIRA, Ênio Sebastião Cardoso.O Paradigma da Extinção: Desaparecimento dos Índios Puris em Campo Alegre no Sul do Vale do Paraíba. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH - Rio. 2012. Curitiba. PR

<https://geocostan.webnode.com.br/historia/historia/indios-que-habitavam-nossa-regi%C3%A3o/>